

# Mulher moçambicana no ensino superior

N. 5/2/00

O NÚMERO de mulheres graduadas nas instituições moçambicanas de ensino superior do sector público cresceu em cerca de 30 por cento nos últimos cinco anos.

Dados estatísticos do Ministério de Educação (MINED) a que a AIM teve acesso indicam que neste período foram graduadas 498 mulheres na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), 105 na Universidade Pedagógica (UP) e 28 no Instituto Superior de Relações Internacionais (ISRI), totalizando 631.

Em igual intervalo de tempo, a UEM graduou 715 homens, a UP 307 e o ISRI 48, totalizando 1070 homens.

Embora considere significativo o crescimento do número de mulheres graduadas nos últimos cinco anos, o director de Planificação no MINED, Virgílio Juvane, disse que muito ainda há por fazer com vista a motivar o interesse das jovens pelo ensino, desde à base, onde os índices de desistência de raparigas é preocupante, principalmente no ensino primário do primeiro e segundo graus (EP1 e EP2).

Juvane disse que, consciente dessa situação, o Governo vem aplicando, desde 1992, uma política de apoio à educação da rapariga, que consiste em apoiar

estudantes provenientes de famílias pobres, sem condições financeiras para prosseguirem com o ensino, atribuindo-lhes bolsas de estudo.

Juvane mostrou-se preocupado pelo facto de muitas mulheres continuarem a ignorar os cursos do ramo das Ciências, optando pelo das Letras.

Por exemplo, o curso de Medicina matriculou no ano de 1999/2000 um total de 319 mulheres, contra 285 homens, enquanto a Arquitectura matriculou 170 homens, contra 20 mulheres. O curso de Electrotecnia teve 492 homens, contra 28 mulheres, e a Engenharia Mecânica registou 464 homens contra 25 mulheres.

Para o director de Planificação do MINED, o problema da fraca afluência de mulheres nas Ciências deve-se à falha do currículo do tempo colonial, em que a tendência era de mostrar a superioridade do homem em relação à mulher.

Ele deu como exemplo os próprios livros que, na sua maioria, traziam figuras em que se promoviam os homens. "Os próprios professores e a sua própria sociedade faziam questão de incutir nas raparigas que há cursos para mulheres e outros para homens".

Contudo, a fonte garantiu que

está sendo feito um trabalho com vista a inverter a actual situação, nomeadamente através da sensibilização das alunas para aderirem às Ciências a partir do ensino secundário.

Segundo a fonte, o problema está na base, isto é, no ensino primário, onde é preciso estabelecer-se um sistema em que a aprendizagem seja feita da mesma forma para ambos os sexos.

"É preciso criarmos modelos na educação, por exemplo professoras para as disciplinas de Química, Engenharia, Medicina, Arquitectura e outras que possam servir de inspiração para as meninas", disse, acrescentando que os magistérios primários já estão a fazer esse trabalho.

Disse ainda que para além de casamentos e gravidezes prematuras, contribui também para as desistências das raparigas no ensino primário do primeiro grau e segundo o menor número de professoras, principalmente nas zonas rurais.

Em 1998, no Ensino Primário do Primeiro Grau foram graduados 103700 alunos, dos quais as raparigas representavam apenas 37 por cento.

O EP-2 também não fugiu à regra: dos 38500 alunos graduados em 1998, apenas 37,5 por cento foram raparigas.